

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

In Memoriam Peter Bogdanovich

11 e 14 de Março de 2021

THE GREAT BUSTER / 2018

um filme de Peter Bogdanovich

Realização e Argumento: Peter Bogdanovich / **Direção de Fotografia:** Dustin Pearlman / **Montagem:** Bill Berg-Hillinger / **Com a participação de:** Peter Bogdanovich (voz), James Karen, Johnny Knoxville, Paul Dooley, Bob Borgen, Richard Lewis, Bill Hader, Jim Curtis, Dick Van Dyke, French Stewart, Carl Reiner, Mel Brooks, Patricia Eliot Tobias, Bob Borgen, French Stewart, Mel Brooks, Cybill Shepherd, Jon Watts, Nick Kroll, Quentin Tarantino, Leonard Maltin, Ben Mankiewicz, Bill Irwin.

Produção: Cohen Media Group (Estados Unidos) / **Produtores:** Peter Bogdanovich, Charles S. Cohen, Roe Sharon, Louise Stratten / **Cópia:** DCP, cor e preto e branco, falada em inglês e legendada electronicamente em português / **Duração:** 100 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 30 de Agosto de 2018, Festival de Veneza / **Estreia comercial:** 5 de Outubro de 2018, Estados Unidos / Primeira exibição na Cinemateca.

Face a **The Great Buster** percebemos como Buster Keaton seria um dos grandes favoritos de Peter Bogdanovich que, tendo escrito e narrado este documentário, não investe nele o mesmo que em tantos outros trabalhos mais pessoais, entre os quais o filme que dedicou a John Ford. Relativamente convencional dentro de um formato mais televisivo, **The Great Buster** é um inegável tributo a um dos mais brilhantes actores e realizadores do cinema mudo. E se está longe da genialidade de **Directed by John Ford** (1971), **The Great Buster** tem a grande virtude de nos fazer rever (alguns) e fazer desejar rever (todos) os magníficos filmes de Buster Keaton, o fabuloso actor-realizador de que ao longo de **The Great Buster** “se conta a história”.

Uma biografia que acompanha Keaton desde “estrela” dos arriscados espectáculos familiares de *vaudeville*, ainda aos quatro anos, ao seu feliz encontro com Fatty Arbuckle ou os brilhantes primeiros filmes que realiza, a primeira companhia, o alcoolismo, ou o encontro com a sua última mulher Eleanor Norris, em 1940, e a carreira posterior. Mas mais do que ouvir os elogios aos seus filmes, ou os contornos de uma biografia tortuosa, ficamos presos às imagens de um realizador-actor que, como tantos outros, conheceu uma vida complicada, cujo primeiro grande revés terá sido o contrato com a MGM, que o fez perder toda a liberdade e controlo do seu trabalho num momento em que se assistia simultaneamente à transição para o sonoro. **The Great Buster** sobressai sobretudo pelo modo como somos confrontados com as maravilhosas sequências dos filmes mudos dirigidos e interpretados por Keaton nos anos 1920. Peter Bogdanovich sabe-o bem, tanto mais que **The Great Buster** é construído de forma circular, regressando no final aos sempre geniais gags de filmes como **One Week**, **Cops**, **Seven Chances**, **Sherlock Jr.** ou **The Navigator**.

É amiúde citado o magnífico controlo de Keaton sobre o seu corpo de acrobata e como este representava os próprios efeitos especiais, sem recurso a artifícios ou duplos. A genialidade desta vertente é brilhantemente ilustrada por uma sequência de **Cops**, em que Keaton é literalmente levado em voo pelo ar quando se agarra à traseira de um automóvel, ou pelo modo como foge das noivas em fúria e de bolas de pedra gigantescas que rolam montanha abaixo sem parar, como se o corpo de Keaton tivesse que fazer face a todo o descontrolo do mundo. Este é um dos grandes segredos da comicidade do cinema de Buster Keaton, um cinema assente na sua fisicalidade, aliada a uma certa impassibilidade, como tão bem sublinha Peter Bogdanovich.

É na análise da engenhosa (ou apenas simples) construção de alguns dos seus mais famosos gags e do seu impacto ao nível das narrativas que o filme é mais eficaz. Outra das suas virtudes é o modo como, a par das imagens dos grandes filmes de Buster Keaton, nos mostra outras menos conhecidas, em que a sua participação se revela exemplar, esteja ele à frente ou atrás da câmara nos cada vez mais raros momentos em que assume o controlo total do que faz. É hilariante a sequência que escreve e dirige em **In the Good Sumertime** (Robert Z. Leonard, 1949) com Judy Garland, como são hilariantes alguns gags que nos são mostrados no programa televisivo “Candid Camera”, como o do capachinho no prato. Pelo meio o encontro dos dois gigantes – Keaton e Chaplin – em **Limelight** (1952), de Chaplin, a sua participação em **Film** (1965), de Beckett, ou o regresso ao passado de **Railrodder** (1965), em que lhe foi dada a possibilidade de “construir gags à antiga”, um ano antes de morrer em 1966.

Como escrevemos, a narração de **The Great Buster** cabe ao próprio Peter Bogdanovich e os testemunhos incluem as prestações de um conjunto de cineastas, investigadores e actores, que não primam em vários casos por ser os mais óbvios ou certos. Ao lado de James Curtis ou Mel Brooks encontramos Tarantino, Dick Van Dyke ou Werner Herzog, mas também Johnny Knoxville, Richard Lewis, Bill Hader e Carl Reiner. Sucedendo a **She’s Funny That Way**, comédia nova-iorquina de 2014 que se ergue como uma justa homenagem a esse grande género cinematográfico, revelando mais uma vez a profunda cinefilia do seu autor, **The Great Buster** é cronologicamente o último trabalho cinematográfico de Peter Bogdanovich, mas não é certamente o seu grande último grande filme. Com ele Bogdanovich prossegue a vertente documental da sua obra e a via da exegese da obra de outros grandes cineastas, mas **The Great Buster** tem também a virtude de introduzir a obra de um criador genial a novas audiências, dado que foi pensado para coincidir com a “estreia” dos novos restauros das longas-metragens de Keaton promovidos pela mesma produtora do filme, a Cohen Media Group. Daí talvez a presença de alguns dos entrevistados mais inesperados.

Joana Ascensão